

III

Uma pequena mãozinha à janela observa fragmentos de vida. O cotovelo é beijado pela mãe que se agasalha ao som da concertina boreal. Está na hora de começar mais um dia com torradas e mel na citadina percussão diária. Novamente, o metalofone gigante embala a urbe agora apaziguada. Tal como o uivo da loba no frio das montanhas, o riso das crianças aquece o dia. O vento conduz os pequenos acenos infantis aos atentos transeuntes anônimos. A dança das crianças é aplaudida pelo som encantatório dos sinos da igreja aos Domingos de manhã. Só elas detêm o segredo dos deuses correndo nas suas veias canela-maçã. As mães a tempo a inteiro conseguem fazer das suas crianças seres a tempo inteiro. As crianças que tiveram direito a ser crianças guardam o azul maternal nas suas línguas, e os seus cabelos, sementes caídas, fazem germinar novos chapéus de palha em velhas cabeças, um amanhecer áureo em cada cenário, um grito de criança a cada nascimento, o sol agradecido a cada alvorecer.

FIZ OU NÃO FIZ?



Ilustração de Fedra Santos

José Viale Moutinho

Esta história tradicional portuguesa, que tanto se conta no Algarve como na Beira Alta, e, decerto, também em algum outro ponto deste pequeno Portugal contador, tem produzido barrigadas de riso a gente de todas as idades. Porém, na verdade, o Manuel Vaz, que é o personagem central, parece não ter idade! As tolices que ele aqui faz, minha gente, quem é que não as fez assim - ou quase?

Bem ou mal, eis a história, acrescentando-lhe eu os pontos a que tenho direito, tal como vocês poderão acrescentar outro à vossa conta, se bem lhes apetecer e tiverem imaginação e coragem para tal!

Ah, mas desde já aviso: uma vez, numa escola, uma senhora professora, quando acabei de contar esta história, chegou junto de mim e perguntou-me:

- Então, vem cá contar isso aos meus alunos? Essa história não é um bocadinho...

E eu, logo muito depressa, respondi-lhe:

- Atenção! Atenção! A história é do Povo Português, foi ele que a inventou há muitos anos e a tem contado sempre. Eu aqui sou apenas mais um contador, está a perceber? Para que não se perca o jeito de rir em qualquer idade!

J. V. M.

A MINHA TIA ELEUTÉRIA

Era uma vez um rapaz meio atolambado chamado Manuel Vaz.

Quem me contou esta história foi uma minha tia-avó, que vivia no Algarve, casada com um pequeno industrial de conservas. Olhem, ele até era o fabricante daquele célebre Atum Cansado, porque o meu tio-avô se chamava Artur Cansado. Quando ele morreu, acabou a fábrica e a minha tia voltou para Marialva, no Douro, donde dizia que nunca deveria ter saído. É que ela embirrava que lhe chamassem D. Eleutéria Cansada - pois se o marido era Cansado, não podia chamar-se de outra maneira!

Em Marialva, a minha tia-avó convidava-me a passar as férias da Páscoa com ela e contava-me muitas histórias. E a tia Eleutéria dizia que a história do Manuel Vaz a tinha guardado numa malinha que trouxera do Algarve.

- E não me mostra a malinha, minha tia?

E respondia-me:

- Ora, se tu visses a malinha, perdia a graça toda!

- Perdia?

- E digo-te mais, Zeca. O ano passado, passou por aí uma mulher do rancho que andou à azeitona, nos olivais que tenho ali para a Quinta da Calcaterra, e até me contou uma história parecida com esta. A diferença era mais no nome. O rapazinho da tal mulher chamava-se Gonçalves! Mas o que te posso dizer é que não faço a mínima ideia donde é que essa mulher arranjou aquilo tudo para me contar, que a mim, quem me encheu a malinha das histórias no Algarve foi uma vizinha, ainda prima do meu falecido Artur. E dizia-me sempre que tudo se passara com uma irmã dela e que o tal Manuel Vaz também era sobrinho dela. Ela chamava-se Zulmira Cansado Vaz. No entanto, a tal mulher aqui em Marialva também dizia que o tal moço Gonçalves era sobrinho dela, um tal Alvarinho Gonçalves, que ela era Clemência Gonçalves de Jesus. Parece uma trapalhada dos diabos, mas se pensarmos bem nisto, até nem é complicado!

- Ó minha tia, para mim tanto faz que seja verdade ou não! E contado por si, já sei que vai ser uma história engraçada!

A tia Eleutéria deu uma grande gargalhada, abrindo muito a boca, mostrando que já tinha poucos dentes, daí a sua predilecção por papas e sopas de toda a qualidade, creme queimado e aletria acabada de fazer.

- Pois vamos lá à história do sobrinho da prima do meu falecido Artur, o Manuel Vaz, aquele menino tão atolambadinho que até metia impressão!

- Ó tia Eleutéria, faz favor, o que quer dizer atolambadinho?

- Ora! Atolambadinho quer dizer: maluquinho.

- Já percebo – disse-lhe eu. – Quer dizer que não fechava bem a mala...

Foi a vez da minha tia ficar a olhar para mim com cara de quem não estava a perceber mesmo nada. Mas, como ela sempre foi uma mulher esperta, lá fez as suas deduções e viu que estávamos a falar da mesma coisa. Ou seja, do mesmo Manuel Vaz. E adiante.

2. CADA RECADO, SUA TOLICE...

A tia Eleutéria contou-me que o Manuel Vaz vivia com a mãe numa quinta. O pai tinha morrido havia alguns anos e ele não tinha irmãos com quem se pudesse entreter. Na escola, como era assim tão distraído, não aprendera mais do que o suficiente para escrever o nome e a mal fazer umas contas simples: $1+1$ ou $2+2$: Porém, se passasse dessas contas pequeninas, só asneira é que aparecia.

Certo dia, aconteceu que a professora do Manel estava a dar uma aula sobre adivinhas e, às tantas, o nosso amigo levantou um braço e disse:

- Eu quero dizer uma adivinha que estes burros não são capazes de adivinhar!

A professora ficou muito admirada e disse:

- Ó Manel, isso são maneiras de falar dos teus colegas e amigos?

- Desculpe lá, se faz favor.

- Então, anda lá...

- A adivinha é esta: Quando é que $1+1$ são 5?

Ficaram todos calados. E, passados instantes, a própria professora comentou:

- Ninguém sabe, nem eu. Podes dizer tu, Manel?

- Claro! $1+1$ são 5... quando sou eu a fazer a conta! Não dizem para aí que nunca acerto?

Todos se riram muito e o Manel acrescentou:

- Mas eu sei que são só uns 2 ou 3... 5 é muito, não é, senhora professora?

Bem, mas uma noite, quando estavam a jantar, a mãe disse ao Manuel:

- Olha que eu estou a ir para velha. Daqui a uns anos, lá vou eu para o outro mundo e ficas tu sozinho a tratar desta quinta e das outras terras todas que temos aqui á volta.

O Manuel Vaz levantou-se e foi ao pé da mãe, abraçou-a, deu-lhe um beijo:

- A mãe está aí para durar muitos e muitos anos! E eu hei-de estar sempre aqui ao pé de si!

A D. Agostinha dos Perus, que era assim que se chamava a mãe do rapaz, acrescentou:

- Ó meu filho, os anos giram que giram e é a coisa mais natural que eu morra primeiro do que tu. Como és assim tão atolambado, como é que vai ser a tua vida, sem ninguém para tomar conta de ti?

O Manuel Vaz fez cara de zangado.

- Minha mãe, ó minha mãe! Fique a saber que eu estou aqui pronto para fazer qualquer trabalho! Cabeça como a minha não há, ouviu? Mande-me aonde quiser tratar de um recado, que eu...

- Vamos lá ver, Manelzinho, vamos lá a ver!

A senhora Agostinha dos Perus abriu uma gaveta e tirou de lá dinheiro.

- Olha lá, rapaz! Amanhã é dia de feira na vila. Sempre quero ver se és capaz de lá ir comprar um porco.

- Comprar um porco!? Só isso, minha mãe!?

- Só isso! Tens aqui o dinheiro. Vais e vens a pé, como aqui os vizinhos...

- Vai ver! Vai ver!

E o Manuel correu a enfiar-se na cama, a pensar na compra do porco e a dormir a sua soneca.

O Manel até sonhou com a feira dos porcos. Os porcos, asporcas e os leitões todos rosados, grunhindo, chamando-o.

E, no dia seguinte de manhã, bem cedo, lá foi o Manuel Vaz com os vizinhos estrada fora.

Pelo caminho, toda a gente se ria dele, não só pelo ar muito sério que levava, como também pela mão fechada com o dinheiro bem apertado, para não perder. Mas, principalmente, os outros riam-se pela maneira como ele ia vestido.

A tia Eleutéria explicou:

- Ele até ia vestido como o costume. Quer dizer, o Manuel Vaz nunca usou ceroulas nem cuecas. Vestia um macacão de cotim, com uma abertura atrás, presa com botões, para fazer as necessidades. Era só agachar-se a um canto e ficava á vontade, desde que desapertasse os botões. Sapatos, nem vê-los, pois gostava de andar descalço. E andava assim, nuns passos saltitantes.

E lá ia.

Perguntava-lhe, a rir, o vizinho Casimiro:

- Ó Manel, sabes comprar porcos?

O rapaz olhou para ele e deitou-lhe a língua de fora. Não estava para gozos. E logo que viu as casas da vila, adiantou o passo e lá se encaminhou para a feira dos porcos, sendo o primeiro a chegar.

E não tardou a comprar um porco bem gordo com o dinheiro que levava.

Porém, logo que entregou as moedas, pediu ao porqueiro que o ajudasse a carregar com o porco e lá conseguiu, muito a custo, levá-lo ao colo e às costas até casa.

Chegou a suar, mas o porco é que não tocou no pó do caminho! O Manuel I Vaz não queria entregar à mãe um porco cansado ou que tivesse emagrecido pelo caminho!

A mãe quando o viu chegar naqueles preparos começou logo a ralar:

- Ó meu Manelzinho, que tonto és! Ó meu querido Manelzinho, que atolambadinho andas! Então trazes o porco ao colo e às costas? Ai como tu vens suado e cansado!

Sem perceber o que tinha feito errado, o rapaz perguntou à mãe:

- Bem, minha mãe, a compra foi bem ou mal feita?

- Foi bem feita, meu filhinho querido.

- E então...

- Mas não é assim que se traz um porco da feira.

- Oh, então o que é que deveria ter feito?

- Olha, arranjavas uma cordinha, que punhas do pescoço do porco, e com uma varinha ias dando nele, encaminhando-o aqui para casa! Assim, estafaste-te até mais não! E escusadamente!

O Manelzinho achou que a mãe tinha razão. Ficou triste. Depois entrou a correr na cozinha, agarrou num copo e foi direito ao cântaro da água para acalmar a sede. Porém, com tão pouco jeito, tropeçou e arrastou consigo cântaro, que caiu e partiu-se.

- Ai o que fizeste, rapaz!

- Foi sem querer...

- Eu sei que foi sem querer. Mas o trabalho vai ser teu outra vez. Amanhã de manhã, vais á vila, ao senhor João dos Potes, e compras um cântaro para substituir este que partiste, está bem?

O Manel, sentindo-se importante em ter mais um recado para fazer, respondeu logo:

- Deixe comigo, minha mãe! À hora do almoço tem aí o cântaro novo!

E à hora do almoço, a Senhora Agostinha dos Perus chega-se à janela mal ouviu o filho assobiar aquela modinha de que ele tanto gostava. Bem, e logo viu...

- O que é que viu?

- Vocês é que haviam de ver!

- O Manuel Vaz, todo contente, segurando uma cordinha, na qual vinha amarrado o gargalo do cântaro, cântaro este, que era de barro, aliás como todos os cântaros, e que se fora quebrando nas pedras do caminho. E na mão esquerda, lá trazia o rapaz uma varinha com que, de quando em vez, batia no que restava do cântaro...

- Ó mafarrico! Partiste o cântaro!

O Manuel Vaz olhou bem para o cântaro e disse:

- Ó minha mãe, então não é que eu fiz como a senhora me mandou, mas o cântaro chegou cá todo feito em fanicos?! De quem é a culpa, de quem é?

A Senhora Agostinha dos Perus respirou fundo e lamentou-se:

- Ai este rapaz! Tu devias ter feito assim ao porco! Já o cântaro bem o podias ter posto no carro da palha que o Ti Agostinho traz sempre da feira e passa mesmo aqui ao pé de casa!

Muito triste por ter feito tolice outra vez, o Manuel respondeu:

- Tem razão, minha mãe. Desculpe, que eu já lhe arranjo outro cântaro. O raio é que me saltou aqui um botão da tampinha de traz do meu fato-macaco...

- Não seja por isso que andas com o rabo à mostra como senhor Costa! – riu-se a mãe. E foi ao cestinho da costura, apanhou as linhas, um botão e não conseguiu dar com uma agulha.

- Que procura, minha mãe?

- Uma agulha! Ia jurar que tinha aqui uma!

- Não se incomode que eu vou à feira na próxima segunda feira e trago-lhe um papelinho de agulhas. Por enquanto, cá me remedeio.

E na segunda-feira seguinte, com umas moedas na mão, o Manuel Vaz lá foi a correr à feira, comprar um papelinho de agulhas.

Foi ir voltar. E voltou com o Ti Agostinho, conversando com ele todo o caminho.

A mãe saiu-lhe ao caminho:

- Compraste as agulhas?

- Claro.

- Deixa-as cá ver.

- Não me disse para as pôr aqui no carro da palha, para não se partirem? Pois foi o que fiz.

Pois, pois, vá lá o leitor a ver se as descobre no meio da palha que enchia o carro! Aquele tolo! Não fazia uma direita!

3. COMO A SENHORA AGOSTINHA DOS PERUS
ARRANJOU QUEM SE CASASSE
COM O SEU FILHO MANUEL VAZ

A Senhora Agostinha dos Perus andava muito infeliz, pelo que sempre dizia: .

- Estou a ficar velha, muito velha! Ai do meu coitado Manelzinho, o que será dele sem mim! Se eu fecho os olhos...

Lá na dela, aquilo de fechar os olhos queria dizer se ela morresse. E toda a gente percebia que se o filho ficasse sozinho naquela casa grande e rica em que vivia com a mãe, depressa deitaria tudo a perder, pois não fazia coisa com coisa. Vocês já viram no capítulo anterior as malucadas de que ele era capaz!

Mas a verdade, eu bem vos digo, é que ele até era capaz de fazer malucadas ainda maiores, muito maiores!

Não acreditam?

Pois esperem lá.

Ah, mas já está aqui, outra vez, a passar a Senhora Agostinha dos Perus. E, como sempre, a lamentar-se:

- Meu querido filho! Ai meu querido Manelzinho, que será de ti sozinho nesta vida!?

A Joaquina das Couves, que era a criada para todo o serviço da Senhora Agostinha, ao ouvir isto, enquanto varria a cozinha, riu-se baixinho e pôs-se a imitar a patroa:

- Ai coitadinhos é de nós, que bem teremos de o aturar se não quisermos perder o emprego! Sem a mãezinha a tomar conta dele, já é disparate que te parta! Ainda é capaz de pôr os leitõezinhos a comer com ele à mesa e ir tomar banho para a charca dos patos-marrecos! Ou fazer sala de estar dentro do forno de cozer o pão! A este rapaz ninguém o atura!

A Senhora Agostinha percebeu que a criada estava a dizer qualquer coisa e perguntou:

- E tu que raio é que estás para aí a murmurar, ó rapariga?

A Joaquina das Couves, com os seus cinquenta e tal anos de muito trabalho, é que não era rapariga nenhuma e ficou zangada. Por isso respondeu torto á patroa:

- Estava a dizer que o case!

A Senhora Agostinha dos Perus deu um salto na cadeira em que estava sentada. Aquilo mesmo dito assim com tanta ronha, até parecia solução para o caso.

- Dizes tu que case o Manelzinho?

Respirando fundo, abanando a cabeça como se fosse dizer exactamente o contrário, a Joaquina das Couves tossiu e comentou:

- Alguma vez lá terá de ser, o Dona Agostinha!

- Ora, não é mal pensado, Joaquina, não é mal pensado...

Bebendo um copo de água, a mãe do Manuel pôs-se a dizer:

- O Júlio Caçador tem uma filha...

E a Joaquina:

- Já está prometida ao filho do empregado dos Correios.

- A Albertina não tem uma filha na França? Mandava-se vir...

- Pois, mas a rapariga há-de vir para se casar com um rapaz da vila, que trabalha na Câmara. Faz por lá contas ou assim e ela também é letrada.

- Não faltam raparigas, Joaquina.

E a criada em voz baixa:

- Para o seu filho maluco?

E a Senhora Agostinha:

- Disseste alguma coisa?

- Disse que é capaz de aparecer alguma, é só puxar pela cabeça ou falar aí com as vizinhas...

Levantando-se de repente, a Dona Agostinha exclamou:

- Já sei! A da prima Rosália dos Cogumelos.

E a criada pôs a cabeça de lado:

- Bem, a rapariga não deve nada á beleza, mas também o Manelzinho não pode exigir muito, não é?

- Não sejas parva, mulher! Vai lá à Quinta dos Cogumelos com este recado. Aqui a Agostinha do Casal de Perus precisa de falar com ela e que diga quando é que lá posso ir. Mas não adiantes conversa, ouviste? Não digas nada do que eu lhe quero, hem?

- Está certo, Dona Agostinha, não direi nada! Mas sempre gostaria de ser eu a dar a noticia. A rapariga está lá enalhada, mas também a Rosália parece que a estava a guardar para algum doutor, nem que fosse desses das farmácias! Que cara ela irá fazer quando a senhora lhe falar no Manelzinho...

- O meu Manelzinho tem de tudo, ouviste? Não lhe falta nada!

- Fora o juízo! – resmungou a Joaquina das Couves.

- O quê?! – berrou a patroa.

- Nada, nada. Não lhe falta mesmo nada! Esteja descansada...

- E não abras o bico! Nem sabes o que te faço se quando lá for me aperceber que ela já sabe do que eu quero!

E a Joaquina meteu-se a caminho, que a Quinta dos Cogumelos ainda ficava a um quarto de hora de caminho, se o encurtasse metendo pelo olival do João Brandão.

4. ARRANJA-SE NAMORADA PARA O MANEL!

A Senhora Agostinha dos Perus chegou à Quinta dos Cogumelos sentada na albarda da sua burra. Ia com a roupa dos domingos, arrecadas e os seus fios de ouro muito vistosos sobre o volumoso peito. Abriga-se do sol com uma sombrinha azul, enfeitada a desenhos de leões africanos.

Creio que a Rosália de Cogumelos ainda era prima da Agostinha, prima afastada. A lavradeira estava á porta de casa e junto dela, muito curiosa, encontrava-se a Margarida, a filha, de sorriso aberto, mostrando os dentinhos tortos e espaçados. Nunca recebiam visitas e aquela da Senhora Agostinha, ainda por cima marcada na véspera pela criada Joaquina, enchera-as de curiosidade. Que lhes quereria a parente?

- Bons dias, Rosália!

- Bons dias para ti também, Agostinha!

A visita deixou-se escorregar da burra e foi beijar a vizinha e a filha.

Entraram em casa e sentaram-se na salinha.

Na mesa havia refresco de limão e uns bolinhos de cenoura.

- Serve-te, Agostinha, deves vir cansada!
- Ó mulher, nem que viesse da vila! Mas venho ali de minha casa, quase naquela curva.

Vendo que a rapariga se sentava junto delas, a Senhora Agostinha logo disse a prima Rosália, piscando-lhe o olho:

- Importas-te de dizer aí à tua rapariga para ir até lá fora dar água à burrinha?

Percebendo que era segredo o que trazia a parente, Dona Rosália despachou a Margarida e ficaram as duas frente a frente.

- Então...

- Então, Rosália, dá-se o caso de teres uma filha e eu ter um filho, tu seres viúva e eu também...

- Para já, nenhuma novidade me disseste, Agostinha...

- Bem, é altura de casarmos os nossos filhos, para os deixarmos arrumados...

- Continuassem as novidades!

- Bem, pensei que podíamos casar os nossos filhos...

- Claro, casaremos os nossos filhos...

- ... um com o outro...

- O tolo do teu Manuel com a minha Margarida!?

- Deixa lá, que a tua Margarida...

- Tu vê lá o que me vais dizer da rapariga!

- E tu começaste por chamar tolo ao meu Manuel!

- Toda a gente sabe que ele é...

- ... meu herdeiro! Casando-se ele com a Margarida, terá a Quinta dos Coelhos Brancos, as leiras do Ortozêlo, o olival que fica atrás da igreja e a casa de lavoura em que vivo será a casa deles, que, ainda por cima, é bem perto de tua casa...

- Sabes, Agostinha, tolo é uma maneira de dizer! Não é para ofender o moço! Tolo é até carinhoso, mas não sei se a rapariga gosta dele...

- Há ainda aquele rebanho que o Ti Herodes me traz na serra, também seria para eles... Bem, e indo eu para a terra da verdade, vê lá tudo com que mais ficam...

A prima Rosália foi à porta e chamou pela filha, que logo apareceu.

- Estiveste a escutar atrás da porta, rapariga?

- Não, minha mãe, não estive. Mas eu não quero casar com o tolo do Manel!

- O quê?! Quem te disse..

- ... mas se a mãezinha acha que é para meu bem, não a contrario...

- O rapaz até é bem parecido, minha filha! Aquela cabecinha é que...

A Senhora Agostinha abraçou a Margarida e disse-lhe:

- Não te vais arrepende, minha linda! Amanhã mando-o cá para vocês se conhecerem melhor, está bem? E vão namorando...

Rosália dos Cogumelos concordou e a prima afastada lá regressou a casa, montada na sua burrinha.

6. O NAMORO DO MANUEL E DA MARGARIDA

Quando entrou em casa, Senhora Agostinha dos Perus achou muita graça ao seu Manelzinho, que estava a correr atrás de uns patos-marrecos, que se tinham escapado do galinheiro.

- Está tudo arranjado, Manelzinho!
- E está arranjado o quê, minha mãe?
- Já te arranjei casamento.
- Ai que bom! E com quem será?
- Com a prima Margarida!
- Uma que tem os pés tortos e os dentes apartadinhos?
- Olha que ideia! Claro que não!
- Tem lunetas à padre?
- Tu regulas da cabeça?
- Deixe lá!

E o Manelzinho agarrou num papel e num lápis e sentou-se numa ponta da mesa, muito calado, a escrever uma coisa qualquer com umas letras muito grandes.

- Tu que estás a fazer, Manelzinho?
- Estou a escrever uns versos à Margarida!
- Começas bem...
- Não faça bulha, minha mãe, senão isto não sai direito...
- Anda lá.

E enquanto a senhora Agostinha dos Perus fazia o jantar, o Manelzinho escrevia, rasgava papéis, rasgava papéis, escrevia, partia o bico ao lápis, aguçava o lápis, suava. Por fim, quando a mãe pôs a sopa na mesa, ele gritou:

- Já está! Já fiz!
- Então diz lá.
- Vou ler:

*A Margarida fez chichi
Numa panelinha
E foi dizer á vizinha
À Senhora Agostinha
Que era caldo de galinha.*

*A Margaridazinha é
A minha namorada
Queridinha.*

- Gosta, minha mãe?

A rir-se, a Senhora Agostinha mandou-o comer a sopa, enquanto lhe dizia:

- Amanhã vais à Quinta dos Cogumelos e namoras um bocadinho com a Margarida, ouviste? Não faças por lá nenhum disparate!
- Esteja descansadinha, minha mãe, que eu sei comportar-me.

E no dia seguinte, a casa da Quinta dos Cogumelos mostrava-se toda alegre para receber o namorado da menina Margarida, o menino Manelzinho.

A mesa estava posta para o lanche. Tinha presunto, pão-de-ló, amêndoas, figos, rebuçados, leite com chocolate, bolinhos de coco, natas do céu e rodelinhas de chouriça. Mãe e filha olhavam para o rapaz, que se apresentou descalço e com o fato-macaco do costume, todo sujo, até as mãos por lavar.

Mal viu o que havia para o lanche, com as suas mãos bem sujinhas, o Manel lançou-se a comer tudo e tudo comeu e lambeu com uma sofreguidão, como se tivesse fome de quinze dias! E o barulho que ele fazia a mastigar, que barulheira!

De repente, sentindo-se muito cheio, parou, arrotou e saiu porta fora, regressando a casa.

Mãe e filha ficaram a olhar para a porta, sem saberem o que pensar daquele rapaz tão alarve!

Rosália dos Cogumelos é que não se ficou por ali, pois saiu no encalço do Manuel e queixou-se amargamente à prima da maneira abrutalhada como ele se comportara.

Nessa noite, enquanto o Manel Vaz e a mãe jantavam, ela ralhou-lhe por ele se ter comportado tão mal.

- Não voltes fazer disparates daqueles, meu filho! As primas mandaram-me recados sobre a maneira como tu te comportaste! Aquilo não é namorar, meu filho!

- Então o que é namorar?

- Ora, namorar é seres mais delicado. Farás assim. Chegas e, quando te levarem para a mesa, tens de saber comportar-te...

- E como é que me comporto?

- Comportas-te bem.

- E como é bem?

A Senhora Agostinha dos Perus explicou ao filho que quando lhe pusessem alguma coisa para comer, por muito vontade que tivesse, deveria dizer: Não,, muito obrigado. E não tocar em nada. Assim, mostrava ser um rapaz bem-educado e não o glutão que se apresentara no dia anterior.

- Depois disto, tens de dizer umas palavras doces à Margarida...

- Palavras doces...

- Sim, Manel, palavrinhas doces...

O Manuel Vaz começou-se a rir e repetiu:

- Palavrinhas doces... palavrinhas doces...

- A seguir, deita-lhes uns olhinhos...

E ele continuava a repetir, como se quisesse meter tudo aquilo na cabeça:

- Deito-lhe uns olhinhos... uns olhinhos... ih! Ih! Ih!

E saiu a correr de ao pé da mãe, directo ao galinheiro.

A Senhora Agostinha achou que era a hora de começar a fazer o jantar e lá começou a mexer nas panelas.

De repente, ouviu muito barulho no galinheiro. As galinhas, agitadas, cacarejavam muito. Depois o barulho passou para os currais, onde as ovelhas e os vitelos começaram aos berros, zangados. Mas a Senhora Agostinha encolheu os ombros e comentou:

- Devem ser umas maluquices do rapaz!

E no dia seguinte, pela tarde, o Manuel Vaz lá se pôs a caminho da quinta da prima Margarida, sua namorada. Levava um saquinho na mão e foi sempre aos saltinhos.

Ao chegar, com alegria sua, viu a mesa do lanche já posta e servida com o que havia de melhor na casa. Mas ele bem sabia como deveria comportar-se: bem. E portou-se muito bem.

As primas Rosália dos Cogumelos e Margarida preparavam-lhe sandes e fatias de bolo, sumos, leite chocolateado e ele sempre dizia, muito contrafeito:

- Não quero muito obrigado! Não desejo provar nada, muito agradecido! Estou bem assim.

Depois pensou que chegara o momento das palavrinhas doces Assim, olhando para a cara da moça, começou a dizê-las:

- Tarte de chocolate... Amêndoas com açúcar... pão de ló... formigos... rabanadas... bolinhos de coco... mousse de chocolate... ovos moles... bolo de ananaz...

E quando viu que acabara, acabou! No entanto, faltava ainda a terceira parte do que a mãe lhe ensinara: deitar os olhinhos...

Pensado e feito. O Manel pegou no saco que levava consigo, abriu-o e lançou o que ele continha para cima da Margarida!

A pobre rapariga ficou toda suja de sangue e de olhos de muitos animais! Pois não é que o rapaz tinha tirado os olhos às galinhas, às ovelhas e aos vitelos e levava-os ali para atirar com aquilo tudo à namorada! Como a mãe lhe dissera para atirar uns olhinhos... nunca lhe passou pela cabeça de que ele é que tinha de fazer trejeitos namoradores com os seus olhares e... já se viu a tolice!?

A prima Rosália e a filha puseram-no na rua e ele foi para casa chorar!

Escusado será dizer que o casamento chegou a estar desmarcado!

As primas não estavam para aturar um maluco daquela marca! A Margarida, que até é assim meia zuca, disse à mãe:

- Ai, ele é tão toliceirinho, não é?

E a Senhora Agostinha dos Perus reforçou o dote com mais uns olivais, algumas hortas e gado para que o casamento ficasse no papel.

No domingo seguinte ficaria marcado.

6. O MANUEL A CAMINHO DO CASAMENTO

- O QUE ACONTECEU PELO CAMINHO

E O QUE ESTRAGOU A BODA PROPRIAMENTE DITA!

Os padrinhos do Manuel Vaz foram buscá-lo a casa no dia do casamento. Foi o padrinho que o vestiu. A primeira prenda que recebeu foi algo que ele nunca usara: umas ceroulas!

Depois as peúgas, um fato azul, com uma risquinha, gravata, sapatos como ele nunca tivera! Ia ali um rapaz e peras! Os padrinhos levavam-no entre os dois, de mão dada.

Bem, o Manuel ia de mão dada porque, como nunca tinha usado sapatos, custava-lhe muito andar sem ser descalço!

De repente, o rapaz queixou-se:

- Ai! Ai!

Os padrinhos julgaram que era dos sapatos, mas ele logo explicou:

- Ai, a minha barriga!

- Que é que sentes?

- Parece que está aqui quieta, não parece? – perguntou o Manel – Mas anda às voltas, preciso de ir ali atrás daquela pedra fazer...

Os padrinhos perceberam que ele, com os nervos, ficara com diarreia. E esperaram ali, enquanto ele, a desapertar o cinto das calças, lá foi aos saltinhos, doendo-lhe os pés, até ficar abrigado dos olhares de quem passasse no caminho.

O Manel lá desceu as calças novas e agachou-se para se aliviar.

Aliviou-se.

Espreitou para trás e para baixo, mas não viu nada. Estranhou. Na verdade, isto aqui para nós que ninguém nos ouve, ele baixou as calças, mas não se lembrou das ceroulas! Assim, o que fez foi dentro das ceroulas e não no chão, atrás da pedra!

Como os padrinhos lhe gritassem que já era tarde, muito rápido, o Manel puxou as calças acima, apertou o cinto e foi aos saltinhos para junto deles e lá foram.

Perguntou-lhe a madrinha:

- Fizeste, Manel?

E ele respondeu a medo:

- Bem... fiz e não fiz...

Os padrinhos, que já sabiam que ele não era muito certo da cabeça, encolheram os ombros e, daí a pouco, estavam na igreja da aldeia.

Foi um casamento muito bonito. Flores e mais flores, a Margarida até estava muito contente, pelo que deu dois repenicados beijos nas bochechas do Manel, que ficou mais corado que o costume!

Acabada a cerimónia na igreja, foram todos, na companhia do senhor padre Gordinho para casa da Senhora Rosália, onde era servido o banquete. Ali chegados, sentaram-se à mesa. E o último foi o Manuel Vaz que, ao fazê-lo, se sentou na cadeira ao lado da noiva e do senhor padre Gordinho, da mãe e da sogra!

Sentou-se e sentou-se em cima do que tinha feito atrás da pedra, que aquilo lá tudo estava dentro das ceroulas! Sentiu tudo! E ficou muito contente, porque já podia responder aos padrinhos.

Vai daí, o Manel meteu a mão dentro das ceroulas e voltou a tirá-la, toda borrada e mal cheirosa! Olhou para ela, sorriu de orelha a orelha e começou a passá-la pela cara da noiva, do padre, da mãe, da sogra e dos padrinhos e dos convidados todos, enquanto gritava de alegria:

- Então, fiz ou não fiz? Fiz ou não fiz?

Vitória! Vitória!

Está contada a história!

ATENÇÃO:

é melhor levarmos já ao nariz

um perfuminho de rosa

que a história... acabou mal cheirosa!